

Prémio GECORPA 2008

A segunda edição do Prémio GECORPA de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico galardou a obra de recuperação da Casa José Régio, em Vila do Conde, e atribuiu uma menção honrosa à obra de carpintaria, marcenaria e restauro do Laboratório Químico e Anfiteatro do Museu de Ciência, em Lisboa.

O Prémio destina-se a galardoar a intervenção no seu conjunto, incluindo o projecto e a própria obra, pondo em evidência o respeito pelos princípios internacionalmente aceites como correspondendo à boa prática da conservação e restauro do património arquitectónico, também defendidos pelo GECORPA. O júri, composto por cinco elementos representando o GECORPA, o ICOMOS-Portugal, a Ordem dos Engenheiros, a Ordem dos Arquitectos e o IGESPAR (Instituto de

Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), analisou as dezanove obras candidatas ao Prémio e dividiu-as em dois grupos, um que inclui as intervenções no conjunto do imóvel e o outro que inclui as intervenções no património integrado (abrangendo apenas uma parte do imóvel). As intervenções no conjunto do imóvel são candidatas ao prémio e as intervenções no património integrado são candidatas à menção honrosa.

O júri reconheceu, na obra de recuperação da Casa José Régio, a ponderação prévia dos valores de testemunho histórico e vivencial, cuja manutenção constituía o principal desafio do projecto, e o domínio das técnicas próprias da arquitectura, da engenharia e das especialidades de conservação e restauro na produção da obra global, que permitiu manter, quer a estrutura

física desta casa urbana, quer e sobretudo, a sua atmosfera.

A cerimónia de entrega do Prémio realizou-se no dia 11 de Dezembro, no auditório da obra premiada, e o prémio foi atribuído à empresa A. Ludgero de Castro, Ld.^a (empreiteiro), à Câmara Municipal de Vila do Conde (promotor) e ao arq.^o Manuel Maia Gomes (autor do projecto). A menção honrosa foi atribuída à empresa MIU, Gabinete Técnico de Engenharia, Ld.^a (empreiteiro), à Reitoria da Universidade de Lisboa e ao seu Museu de Ciência (promotor) e ao gabinete de arquitectura Arqui III (autor do projecto).

MIGUEL BRITO CORREIA,
Arquitecto

Obra premiada



Detalhe da loja após intervenção

A intervenção na Casa Museu José Régio

Para se avançar – não é preciso negar o caminho andado. É mesmo... não é preciso senão alargar e multiplicar o caminho andado. Ora se à nossa época mais do que a outra pertence a designação de modernista – é precisamente porque na nossa época isto se sabe, ou sente, ou presente, com particular acuidade. Esqueçamos esse modernismo meramente actual, portanto efémero e quase só interessante aos olhos dos historiadores, segundo o qual ser modernista é substituir o realismo pelo ultra-realismo, o impressionismo pelo cubismo, etc., etc., isto é: umas imagens por outras imagens, uns assuntos por outros assuntos, um estilo por outro estilo, um gosto por outro gosto, umas leis por outras leis, uns modelos por outros modelos, umas limitações por outras limitações. Bem sei que estas substituições são inevitáveis: Toda a acção provoca uma reacção, todo o excesso outro excesso. E os génios que mais se libertam desta fatalidade (por hipótese, não invencível) são raros. E o génio imenso perfeitamente liberto dela – ainda não apareceu nem talvez apareça. Mas a verdade é que quem substitui, e enquanto substitui – nada ganha: Pois paga o que ganha com o que perde.

José Régio, n.º 23 da Presença, Dezembro de 1929



Remoção dos rebocos



Sala da casa após intervenção

anos comprometeram a resistência da madeira.

A casa estava regularmente aberta ao público, sendo frequentemente visitada por turmas de alunos das escolas secundárias as quais exerciam sobre a estrutura, enfraquecida, um peso considerável, pondo em risco a segurança das coleções expostas e dos próprios visitantes.

Perante esta situação e mediante uma análise feita dos elementos construtivos, desmontando parte dos soalhos e vigas de suporte da cobertura e pavimentos existentes construídos em pinho silvestre de fraca qualidade, decidimos proceder à substituição quase integral dos elementos pré-existentes em madeira, por outros em madeira de castanho pré-imunizada com anti-xilófagos. Esta opção permitiu igualmente substituir a totalidade da instalação eléctrica, que "corria à vista" com inerente perigo de curto-circuito eléctrico e instalar ao nível das paredes do primeiro piso uma barreira anti-térmitas onde descobrimos existir uma colónia.

Posteriormente, desmontámos e fizemos amostras dos elementos decorativos existentes, salvaguardando a sua correcta reprodução.

Após o gradual desmonte dos elementos construtivos, pudemos identificar as obras realizadas por José Régio, (nem sempre correctas do ponto de vista tipológico), e constatar a introdução de paredes construídas em tijolo vazado assente sobre os pavimentos em madeira. Procedemos à substituição das argamassas de cal gorda dos tabiques em fasquio por argamassas de cimento e areia e outras transformações de menor relevo.

Depois da picagem dos rebocos da caixa de escada, descobrimos estar perante a

sua estrutura original construída com um reguado de madeira tosco preenchido com argamassa de terra argilosa e palha.

Uma vez que a madeira estava bastante deteriorada, as ripas foram quase todas substituídas mantendo-se algumas peças, agora tratadas com xilófagos. Pudemos assim manter as suaves assimetrias e empenos ocorridos ao longo dos anos em vez da geometria rigorosa decorrente das novas técnicas e ferramentas.

Para o revestimento dos pavimentos, usámos madeira de riga velha recuperada, em ordem a manter a patine do tempo.

A caracterização do edifício recuperado é acentuada pela reposição do corrimão antigo, reparado e tratado preventivamente.

Corrigimos todas as anomalias existentes em termos de materiais utilizando as argamassas tradicionais feitas com cal gorda, recorrendo ao uso de tintas de óleo que restituem o brilho e textura antiga, permitindo a respiração e troca de vapores entre os diferentes materiais.

A Casa Museu José Régio reúne e guarda grande parte do legado do poeta, escritor, ensaísta, artista plástico e coleccionador. As instalações da casa-museu, situam-se em edifícios intimamente ligados à sua memória. A casa-museu está instalada na casa da sua madrinha Libânia, tendo sido instalada e montada sob a sua orientação.

O Centro de Estudos Regianos, encontra-se agora em fase de instalação na casa que foi da sua empregada Benilde. Prevê-se que a casa onde nasceu, situada entre estes dois imóveis, seja futuramente integrada no Museu.

O Centro de Estudos, edifício de cons-

trução totalmente novo, integra um conjunto de serviços de apoio à casa-museu, a saber: salas de exposição, depósitos, salas de estudo e um auditório para 50 pessoas. Este imóvel construído sobre um edifício incaracterístico, datado do século XIX, integra uma linguagem contemporânea, desenhada a partir de referências analógicas com a vizinha casa onde nasceu José Régio. Nesta casa foi previsto um ascensor de apoio a portadores de mobilidade reduzida, que assim poderão aceder aos espaços museológicos principais.

Respeitando aquilo que José Régio escreveu, não pretendemos substituir umas imagens pelas outras, obrigando-nos a um restauro criterioso de modo a, como referiu Cesar Brandi "voltar a dar eficiência a um produto da actividade humana".



Fachada da Casa Museu José Régio após intervenção

MANUEL MAIA GOMES,
Arquitecto